
Pesquisa

OPINIÃO DOS ENFERMEIROS QUANTO À APLICABILIDADE DO PROCESSO DE ENFERMAGEM EM UNIDADE DE TRATAMENTO INTENSIVO*

Nurses opinion about the applicability of the nursing process in an intensive care unit

Vânia Mari Matté¹
Maira Buss Thofhern²
Rosani Manfrin Muniz³

RESUMO

Este trabalho objetivou identificar a opinião dos enfermeiros sobre o processo de enfermagem, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), e o conhecimento dos mesmos acerca desta metodologia assistencial. O método investigativo teve abordagem qualitativa descritiva exploratória, aplicando-se uma entrevista semi-estruturada a cinco enfermeiros de UTI de hospital geral da região sul do Rio Grande do Sul. Verificou-se que: os enfermeiros entrevistados têm pouco conhecimento acerca do tema, alguns referem aplicar a evolução e o histórico de enfermagem. Finalmente, todos reconhecem a importância desta metodologia de assistência, mas consideram fundamental que haja preparo e treinamento de toda a equipe de enfermagem para sua elaboração e execução.

UNITERMOS: *enfermagem, processo de enfermagem e unidade de tratamento intensivo.*

* Trabalho de Monografia apresentado na disciplina curricular “Estágio Complementar”.

1 Acadêmica do 8º Semestre do Curso de Enfermagem da FEO/UFPEL.

2 Mestre em Assistência de Enfermagem, Professora Assistente e orientadora na disciplina curricular “Estágio Complementar”, no Departamento de Enfermagem - FEO/UFPEL.

3 Mestre em Assistência de Enfermagem, Enfermeira e co-orientadora na disciplina curricular “Estágio Complementar”, no Departamento de Enfermagem da FEO/UFPEL.

1 INTRODUÇÃO

O processo de enfermagem consiste num instrumento metodológico que visa promover um cuidado sistematizado ao cliente. Para George et al. (1993, p.24), *“o processo de enfermagem pode ser definido como uma atividade intelectual deliberada, por meio da qual a prática de enfermagem é abordada de uma maneira ordenada e sistemática”*. Sendo a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) um local destinado aos clientes graves, com risco de vida ou em estado crítico, Kurcgant (1991, p.94) relata que *“... é de fundamental necessidade a utilização desse método científico no cuidado de enfermagem”*.

Ainda a esse respeito, Felisbino (1994) comenta que, na enfermagem, este método é utilizado no planejamento assistencial, fundamentado na resolução científica de problemas, sendo composto de fases que propõem coleta de informações, definição de problemas, opção por uma solução e avaliação de resultados.

Segundo Horta (1979), é a partir do processo de enfermagem, que a profissão atinge a sua maioridade, porém, a autonomia profissional só será adquirida no momento em que toda a classe passar a utilizar essa metodologia científica em suas ações.

A partir das idéias preconizadas pelas autoras acima citadas, despertou-se o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o assunto, já que durante a primeira parte de formação acadêmica, o processo de enfermagem foi trabalhado de maneira complexa e com aplicabilidade prática restrita, tornando-se desmotivante. Posteriormente, em outros estágios curriculares, houve a apresentação de uma visão nova e acessível de tal processo, em que realmente foi entendido sua aplicabilidade e necessidade, para proporcionar ao cliente um cuidado sistematizado e de melhor qualidade.

Ao realizar o estágio curricular na UTI, foi detectado que para ser realizado um cuidado de enfermagem adequado às exigências de um cliente em estado crítico é preciso uma estrutura organizacional específica, tanto em relação aos recursos humanos quanto aos recursos físicos e materiais, e não foi identificado a utilização do processo de enfermagem nas ações desenvolvidas pela equipe junto a esse cliente.

Recordando ainda, dos aspectos legais que norteiam o processo de enfermagem e constatando que pela Lei do Exercício Profissional (Brasil, 1986), o enfermeiro está habilitado

legalmente a desenvolver o processo de enfermagem, especialmente pelo artigo 8º, que determina de forma privativa a execução da prescrição da assistência desta profissão. Em vista disto, aumentou ainda mais o interesse em pesquisar sobre este assunto.

Tal estudo visa proporcionar um entendimento maior e mais claro a respeito do processo de enfermagem, bem como conduzir uma investigação junto a enfermeiros da UTI, sobre sua opinião a respeito da aplicabilidade do mesmo nesta unidade.

2 OBJETIVOS

Geral - Verificar a opinião dos enfermeiros quanto à aplicabilidade do processo de enfermagem, na prática profissional desenvolvida na UTI.

Específicos - Averiguar o conhecimento do enfermeiro acerca do processo de enfermagem e verificar através das falas, a disponibilidade e o interesse desse profissional, quanto à aplicação do processo de enfermagem na UTI.

3 METODOLOGIA

Este é um estudo de abordagem qualitativa exploratória descritiva, cujos resultados obtidos através da coleta de dados foram comparados com o referencial teórico.

A pesquisa foi realizada em uma UTI de um hospital geral de grande porte da região sul do Rio Grande do Sul, no período de novembro a dezembro de 1999, com a devida autorização expedida pelo comitê de ética em pesquisa dessa instituição. Esta unidade possui 10 leitos e presta atendimento a clientes adultos, clínicos e cirúrgicos. A equipe de enfermagem é composta por um enfermeiro e cinco auxiliares de enfermagem por turno de trabalho.

Fazem parte desta pesquisa, os enfermeiros que desenvolvem suas atividades profissionais na referida UTI, num total de cinco, em todos os turnos de trabalho da instituição acima mencionada. Os profissionais têm entre 02 meses e 07 anos de formação e entre 02 meses e 05 anos de atuação em UTI, foram graduados em escolas de enfermagem da região sul do Brasil, e receberam identificação mediante codificação através de nomes de pedras preciosas, a seu critério de escolha, para lhes assegurar o anonimato.

Para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada (anexo 01), que para Ludke e André (1986), é aquela que se desenvolve a partir de um roteiro, porém, por não ser aplicada rigidamente, permite ao entrevistador fazer as adaptações necessárias.

A entrevista foi gravada, com o consentimento dos entrevistados, aos quais foi garantidos sigilo e anonimato, bem como acesso aos dados e liberdade de desistir do estudo quando o desejassem.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e após, a partir da análise de conteúdos conforme Minayo (1994), fez-se uma pré-análise com a leitura do material para o registro inicial das mensagens. A seguir o material foi explorado amplamente e definiram-se os trechos significativos denominados de temas, e sendo realizado por último o tratamento dos resultados obtidos.

A partir das respostas obtidas segundo cada tema, realizou-se um confronto de resultados com o referencial teórico. Também foi exposto o posicionamento da autora, em relação aos dados obtidos no período da pesquisa de campo e nas entrevistas, em comparação ao referencial teórico consultado. Desta forma, emergiram os seguintes temas: conceito de processo de enfermagem, experiências prévias com a utilização do processo de enfermagem, aplicação do processo de enfermagem na realidade desta UTI, dificuldades para aplicação do processo de enfermagem na UTI e recomendações para implantação do processo de enfermagem construído pela equipe de enfermagem em UTI.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura, interpretação e reinterpretação dos dados colhidos nas entrevistas, foi classificado o material selecionado em quatro temas, objetivando, com isso, facilitar a exposição, discussão e compreensão do conteúdo analisado e, também articular os temas, identificando ambigüidades nas falas dos entrevistados a fim de alcançar nosso objetivo geral.

A seguir, serão expostos os temas, com relatos dos entrevistados e posicionamento da autora deste trabalho:

Conceito de processo de enfermagem

No Brasil, o processo de enfermagem foi introduzido por

horta na década de 60, mas apesar disto, muitos enfermeiros até hoje têm pouco conhecimento a respeito do tema na sua totalidade (Thofehrn et al., 1999).

Para Horta (1979, p.35), o processo de enfermagem é definido como: “... a *dinâmica das ações sistematizadas e inter-relacionadas, visando a assistência ao ser humano. Caracteriza-se pelo inter-relacionamento e dinamismo de suas fases ou passos*”.

George et al. (1993) afirmam que o processo de enfermagem constitui o esquema subjacente que pode ordenar e direcionar o trabalho do enfermeiro, constituindo a essência da prática da enfermagem, sendo um instrumento metodológico que auxilia os profissionais a tomarem decisões, preverem e avaliarem as consequências para os clientes.

Verifica-se, por meio das falas dos entrevistados, que a respeito do conceito de processo de enfermagem, todos demonstraram ter noção sobre este assunto, ainda que recorram a definições superficiais e/ou vagas.

“... Acho que é o processo através do qual o enfermeiro presta a assistência de enfermagem, planeja sua assistência ...” (Pérola)

“É o planejamento da enfermeira, em relação ao tratamento do paciente; tu vais fazer um planejamento, quanto à conduta de cada paciente ...” (Topázio)

Percebe-se que, dentro dessas definições, há referência à palavra planejamento em dois relatos. Segundo Kurcgant (1991), planejamento da assistência de enfermagem consiste na determinação das ações de enfermagem pela utilização de um método de trabalho, a fim de atender as necessidades da clientela.

Na fala a seguir, observa-se uma maior compreensão acerca do conceito de processo de enfermagem:

“... o processo de enfermagem eu acho que é um instrumento ou um método que nós temos para facilitar ou para melhorar a assistência de enfermagem ao paciente.” (Rubi)

A maioria dos entrevistados abordam ainda, como concei-

to de processo de enfermagem, além de uma definição geral, as suas etapas. Para Benedet e Bub (1998), são elas: histórico de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, prescrição e evolução de enfermagem. Porém, estas fases são abordadas de maneira parcial o que não as deixa muito evidentes, conforme os relatos a seguir:

“São passos, não é ... a admissão, exame físico, avaliação ... será que eu estou confundindo? Faz um levantamento de problemas, faz a avaliação, a evolução ... os passos eu não sei direito ...” (Pérola)

“... é um processo metodológico onde visa o melhor para o paciente, composto, no meu ver, dentro de uma UTI, numa história completa do paciente, numa prescrição de enfermagem, e por fim, numa evolução.” (Esmeralda)

“... a coleta de informações de um paciente, iniciando com um leve histórico para tentar entender o fechamento do diagnóstico, sintomas ...” (Ametista)

O conceito de processo de enfermagem para a maioria dos enfermeiros entrevistados é abordado de maneira pouco clara, abstrata, subjetiva, sem definição exata nem para o conceito e nem para as fases do processo de enfermagem.

Experiências prévias com a utilização do processo de enfermagem

Waldow (1988) afirma que o processo de enfermagem é uma atividade desenvolvida quase que exclusivamente por acadêmicos de enfermagem, que a fazem de forma mecânica, despersonalizada e desatualizada, tornando-a desestimulante e sem possibilidade de visualizar a importância.

De acordo com os relatos a seguir, percebe-se que os enfermeiros entrevistados já tiveram a oportunidade de estudar e aplicar o processo de enfermagem, o que, para a maioria, ocorreu durante a fase acadêmica.

De um modo geral, são convictos em afirmar que após o período de graduação, e o ingresso em uma instituição de saúde, não tiveram a oportunidade de aplicá-lo novamente em sua totalidade.

“... tive experiência só durante o tempo de trabalho que atuei na minha especialização ...” (Ametista)

“Durante a faculdade, aprendi o processo de enfermagem na teoria, mas depois é complicado de se fazer ...” (Topázio)

“Já apliquei o processo de enfermagem na época de faculdade ... vínhamos nos últimos dias de estágio para aplicar o processo de enfermagem aos pacientes ...” (Rubi)

Observa-se, então, que se o enfermeiro, ao ingressar na vida profissional, não utiliza o processo de enfermagem, isto provavelmente ocorre ou devido a incompatibilidades organizacionais, administrativas, ou, provavelmente a uma aplicação pouco criativa, não se observando um modo mais racional e adequado tanto ao contexto de trabalho quanto às necessidades da instituição e sua clientela.

Vale ressaltar que a estrutura organizacional de cada instituição é um dos fatores determinantes da maneira de assistir dos enfermeiros, pois tem reflexos diretos sobre a prática assistencial (Leite, 1997).

Waldow (1988) comenta que se evidencia uma grande falha por parte das escolas e instituições de saúde, em não fornecer uma metodologia científica que direcione a assistência de enfermagem a qual melhor se adapte às condições e características de sua clientela e que sejam estudadas e planejadas de comum acordo.

Em relação ao plano de cuidados ou prescrição de enfermagem, a autora acima citada lembra que o maior problema consiste justamente em quem o implementa. Esse fato refere-se à falta de congruência na execução do cuidado de enfermagem por pessoal que não foi envolvido no processo de elaboração e não foi treinado para tal.

“... lembro que se fazia (como acadêmica), se escrevia tudo aquilo ali, e ninguém fazia ... proteger isto, proteger aquilo, mudança de decúbito, aspiração, umidificação ...” (Pérola)

“... não havia continuidade por parte do pessoal de enfermagem do hospital ...” (Rubi)

Acredita-se ser previsível, de certa forma, que os auxiliares de enfermagem não tenham interesse em implementar o processo de enfermagem se não forem orientados quanto à sua importância, ou mesmo, não estiverem envolvidos na sua elaboração. A fala a seguir deixa claro a inviabilidade de funcionamento do processo em uma tentativa de implantação mal estruturada:

“... aqui na UTI, logo que eu comecei a trabalhar, tínhamos prescrição de enfermagem, mas foi decidido fazê-la assim ... por alto. Tínhamos um formulário, mas não tivemos treinamento e não deu certo ...” (Rubi)

Percebe-se, então, que toda a equipe precisa ser treinada e habilitada a desenvolver o processo de enfermagem, e o enfermeiro necessita continuamente habilitar sua equipe, a efetivamente desenvolverem as ações planejadas (Santos et al., 1998).

Dois dos entrevistados relataram experiências positivas e estimulantes em relação à oportunidade que tiveram de aplicar o processo:

“... foi ótimo ... eu gosto do processo de enfermagem ... é uma coisa válida e enriquecedora para todas as partes, paciente e toda equipe multidisciplinar.” (Ametista)

“... era muito bom, eu gostava muito de trabalhar com o processo de enfermagem tanto que eu saberia até hoje como fazer ... conseguia-se assimilar, sabia levantar exatamente o que o paciente tinha, seus problemas ...” (Rubi)

Considera-se oportuno lembrar a observação de Atkinson (1989), dizendo que a maioria dos estudantes de enfermagem inicia o processo de elaboração de planos de assistência com pouco entusiasmo, mas todos aqueles que se tornam eficientes nesta prática são unânimes na opinião de terem sido válidos o esforço e o tempo investidos. O emprego de um processo de enfermagem para elaborar planos de assistência representa uma habilidade e requer tempo e prática para se desenvolver.

Aplicação do processo de enfermagem na realidade desta UTI

Corrêa et al (1991) relata que o processo de enfermagem na UTI pode facilitar o planejamento dos cuidados, priorizando-os,

individualizando-os, e promovendo melhoria da qualidade de assistência de enfermagem prestada aos clientes críticos.

Procurando conhecer como é o dia-a-dia dos enfermeiros na UTI em relação ao eventual uso de algumas fases do processo. Em sua grande maioria, os entrevistados dizem que não o aplicam todo, e sim apenas algumas fases, como o histórico simplificado e a evolução diária.

“... aqui na UTI, nós só fizemos, quando chega, a história do cliente, mas não é completa, e a evolução do dia-a-dia ...” (Esmeralda)

“... aqui nós nunca aplicamos todo. Aplicamos um passo, não é, fazemos a evolução de enfermagem ... o histórico que nós fizemos é na admissão é curto, tem uma pequena história, a procedência do paciente, seu diagnóstico médico, como chegou ... nós fizemos, mas é superficial ...” (Pérola)

“... nós fazemos uma evolução, quando o paciente chega, colocamos de onde vem, como está ... alguma coisa de história pregressa, mas não que seja uma coisa completa ...” (Rubi)

O processo de enfermagem, para que se torne metodologicamente viável na prática em UTI, conforme Felisbino (1994), deve ser elaborado com apenas três passos, que seriam: histórico, prescrição e evolução de enfermagem. Pode-se, desta maneira, torná-lo efetivo e dinâmico, visto o tempo restrito nesta unidade para sua elaboração.

É oportuno assinalar que dois dos entrevistados acreditam realizar o processo de enfermagem de forma mais completa, mas não da maneira registrada.

“... acho que nós até fizemos algumas das fases, só que de forma desordenada, não é de maneira registrada ... levantamento de problemas, prescrição de enfermagem, se faz, mas não é completo, não é registrado ...” (Pérola)

“... acho que nós não elaboramos, digo, não registramos formalmente, mas no próprio dia-a-dia acabamos fazendo o processo de enfermagem ...” (Topázio)

Atkinson e Murray (1989) preconizam que a assistência de enfermagem é planejada para alcançar as necessidades específicas do cliente, sendo então redigida de forma a que todas as pessoas envolvidas no tratamento possam ter acesso ao plano de assistência, e que quando este plano não é redigido, observam-se omissões e repetições. Não havendo um plano escrito, o cliente terá que repetir informações a cada pessoa que o assiste.

Dificuldades para aplicação do processo de enfermagem na UTI

Santos et al. (1998), após realizar um estudo descritivo investigando os fatores intervenientes para a implementação de uma metodologia de assistência de enfermagem em UTI, concluiu que a sistematização desta pode ser afetada devido: ao: despreparo do pessoal, à falta de interesse, tempo e de vontade das chefias e da instituição, à complexidade do “processo de enfermagem”, à falta de conscientização, à acomodação, à desmotivação, além de a outros motivos com menor relevância como: número de pessoal, instabilidade e inconsciência de pacientes, inadequação da estrutura física da unidade, baixa eficiência de serviços de apoio (radiologia, laboratório, e outros), estresse.

Dos enfermeiros entrevistados, a maior parte enfatiza que uma das dificuldades para aplicação do processo de enfermagem em UTI é a falta de tempo, como mostram as falas a seguir:

“... como o nosso dia-a-dia aqui da UTI é muito agitado, de repente não se tem o tempo disponível para fazer uma prescrição, uma história do paciente bem completa ... a prescrição em si, não tem tempo ...” (Esmeralda)

“... a falta de tempo, o enfermeiro na UTI tem outras atividades ...” (Pérola)

Torna-se importante destacar, segundo os relatos a seguir, que dois dos enfermeiros entrevistados insinuam associar à falta de tempo, o fato de que necessitam dispensar um tempo suplementar para a elaboração do processo de enfermagem, visto que se tornaria uma tarefa extra em seu turno de trabalho.

“... se eu for me dedicar a fazer o processo, eu não vou ter tempo para atender ao resto da UTI, porque não somos só

assistenciais ... então é muita atribuição, e eu não tenho como fazer um processo de enfermagem ...” (Rubi)

“... se torna difícil, pois é uma enfermeira para dez leitos, e nós temos que, além de assistência ao paciente, fazer as rotinas da unidade, as questões burocráticas, atender intercorrências ...” (Topázio)

Doenges e Moorhouse (1999) comentam a respeito disto, salientando que, devido ao horário agitado, muitos enfermeiros crêem que o tempo gasto na escrita de planos de cuidado constitui-se em tempo subtraído ao cuidado do cliente. Os planos de cuidado têm sido encarados como “trabalho árduo” para atender as exigências dos supervisores.

No entanto, considero que a elaboração do plano de cuidados não significa uma atividade alheia à prática assistencial, e sim, concomitante, pois, segundo Horta (1979), a partir da elaboração do mesmo, será executada a assistência de enfermagem, significando, então, uma continuidade.

Como assinala Santos et al. (1998), um dos fatores que pode vir a dificultar a execução do processo de enfermagem na UTI, é o fato de alguns clientes estarem inconscientes, e isto também é relatado pelos entrevistados, como se verifica pelas falas abaixo.

“... às vezes, pelo fato de o paciente não falar, estar inconsciente, é uma coisa que dificulta ...” (Pérola)

“... muitas vezes, depois, na hora que se tem um tempo, o paciente não pode falar, aí buscamos informações com os familiares, você vai lá ver, e não tem ...” (Ametista)

É oportuno assinalar aqui, que a elaboração do processo de enfermagem pode ter seu ponto de partida na realização do exame físico, como relata Benedet e Bub (1998), a partir do qual se coletam informações subjetivas e objetivas do cliente, utilizando como instrumento a entrevista, a observação e o exame físico.

Um dos entrevistados acredita que alguns enfermeiros não saberiam elaborar o processo de enfermagem, conforme o relato abaixo:

“... eu acredito até que muitos enfermeiros não saberiam fazer.” (Pérola)

Thofehrn et al. (1999), comenta que tanto enfermeiros como acadêmicos reconhecem o valor do processo de enfermagem, mas se encontram inseguros na sua aplicabilidade prática, cabendo às escolas de enfermagem a promoção de ampla discussão sobre assunto, reforçando a importância de um embasamento teórico, e a valorização profissional proporcionada pelo conhecimento científico.

Parece que, a afirmação do entrevistado anterior enquadra-se dentro da realidade, uma vez que, segundo Waldow (1988), embora seja admitida a importância do processo de enfermagem, existe uma certa resistência por parte dos enfermeiros em aceitar esse método científico de trabalho. Ele é considerado uma carga a mais entre as suas atividades, demanda tempo, pessoal, além do que, para muitos, é uma atividade teórica, sem aplicabilidade prática.

Recomendações para implantação do processo de enfermagem construído pela equipe de enfermagem em UTI

Benedet e Bub (1998) afirmam que a maioria das UTIs não utilizam o processo de enfermagem como forma de sistematizar a assistência.

Isto pode ser em consequência de que para muitos enfermeiros o processo de enfermagem não é utilizado na prática, devido a um possível distanciamento entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática, e principalmente, por não haver uma preocupação maior com a qualidade da assistência prestada (Thofehrn et al., 1999).

Muitas vezes, segundo a mesma autora, os enfermeiros têm interesse em utilizar o processo, porém citam alguns fatores que interferem na sua aplicabilidade, como falta de tempo (por terem atividades administrativas concomitantes com as assistenciais), número reduzido de enfermeiros e falta de trabalho em equipe na busca de uma padronização de assistência. Ainda assim, reconhecem o valor do processo de enfermagem.

A maior parte dos enfermeiros entrevistados reconhece a importância do processo de enfermagem, como observamos nas falas a seguir:

“... eu acho até que é viável ...” (Esmeralda)

“... acho que a proposta é válida, eu acho que o processo de enfermagem é importante, tanto para o enfermeiro como para o paciente ...” (Topázio)

“... no meu ver, o processo de enfermagem é importante para prestarmos uma melhor assistência de enfermagem ao paciente ... ele simplifica a assistência, assimilamos melhor o que é necessário fazer ...” (Rubi)

Thofhern et al. (1999) relatam que a utilização do processo é considerada importante por sistematizar as ações de enfermagem, por ser indispensável para se ter uma boa assistência e porque é de grande valia para o enfermeiro ocupar seu espaço dentro da equipe de saúde.

Sánchez et al. (1984) complementa dizendo que a incompatibilidade entre a teoria e a prática demonstra a necessidade da integração docente-assistencial, isto porque facilitaria a utilização de uma linguagem única em termos de assistência à saúde. Seria necessário, então, uma participação mais efetiva do docente nos estudos e projetos relativos à assistência de enfermagem, junto às instituições de saúde e aos órgãos responsáveis pela prática da assistência à saúde em seus diversos âmbitos.

Um dos entrevistados lembra ainda que o fato de o cliente estar internado em UTI acentua ainda mais a necessidade de se prestar um cuidado detalhado, conseqüentemente, individualizando-o.

“... é importante, porque um paciente grave, por estar numa UTI, necessita de cuidados intensivos, de uma atenção mais detalhada, mais de perto ...” (Pérola)

Taylor (1992) assegura que a etapa do processo denominada plano para a intervenção da enfermagem são altamente individualizadas para cada cliente, conseqüentemente, qualificando o cuidado de enfermagem.

Outro enfermeiro comenta a seguir, que considera viável a aplicação do processo de enfermagem em UTI, contanto que seja adaptado de forma simplificada.

“... eu acho que seria possível se fosse bem simplificado ...” (Ametista)

Paula (1984), bem como Felisbino (1994), recomendam que sejam utilizadas apenas três fases do processo de enfermagem: o histórico, a prescrição e a evolução, de modo a torná-lo metodologicamente viável.

Deve-se considerar que a construção coletiva do processo de enfermagem é fundamental, uma vez que para a compreensão de sua importância e a plena efetivação de suas etapas, é necessário que toda a equipe esteja envolvida na implantação desta metodologia (Saupe et al., 1999).

As falas abaixo deixam clara a preocupação de dois dos entrevistados com o fato de que todos precisam estar integrados e envolvidos na implementação do processo de enfermagem.

“... se começasse agora, eu acho que iria demorar até todos se habituarem ... precisaria de uma mudança de conceito e ser um instrumento reconhecido e utilizado por todos, porque não adianta nada a gente fazer uma coisa que ninguém aceite ...” (Pérola)

“... primeiro, precisaria a conscientização da equipe, da necessidade de elaborar, mas isso teria que entrar como rotina do nosso serviço de enfermagem, depois sim, fazê-lo ...” (Topázio)

Aliado a tudo isto, e de importância singular, é o fato de que para uma efetiva implantação do processo de enfermagem, e sua continuidade com sucesso, o enfermeiro precisa tanto estar preparado, com conhecimentos científicos adequados, quanto constantemente atualizar-se, buscando novos conhecimentos.

Watanabe (1998) alerta para este aspecto de grande relevância, quanto à necessidade de o profissional investir e buscar os conhecimentos para o seu aprimoramento, não esperando que somente a instituição lhe forneça oportunidades e ferramentas para o seu desenvolvimento. É preciso que os profissionais de enfermagem se tornem mais ágeis, mais empreendedores, mais dispostos a assumir riscos, mais cosmopolitas.

Kurcgant (1991) acrescenta que considera a educação continuada importante neste aspecto por levar o profissional a ter papel ativo na sua aprendizagem, incentivando o funcionário a despertar para a necessidade de aprender, no qual o saber deve ser gerado a partir da prática cotidiana, ocorrendo uma apreensão mais duradoura e profunda do saber que está sendo ensinado.

Os relatos a seguir mostram clareza a respeito deste aspecto:

“... o enfermeiro também precisaria sempre de mais conhecimento; nós acabamos ficando muito detidos nas coisas técnicas ...” (Pérola)

“... tudo aquilo que se deixa de usar, de fazer, acaba caindo no esquecimento, então, claro, tem que ler muito, estudar muito sobre isso, para depois elaborar e aplicar ...” (Topázio)

Deduz-se que para a implantação do processo de enfermagem, é necessário haver a capacitação de todos os membros da equipe, ou seja, o treinamento para a aplicação desta metodologia de assistência.

Neste sentido, Saupe et al. (1999) afirmam que os programas de desenvolvimento de pessoal, orientação profissional, de treinamento e de aperfeiçoamento, devem ser definidos e planejados para serem eficientes.

Um dos entrevistados relata que em seu ambiente de trabalho já houve uma tentativa de implantação do processo de enfermagem, mas foi frustrado por não haver treinamento da equipe para tal.

“... quando houve uma tentativa de implantar o processo de enfermagem aqui, o pessoal não sabia como lidar com a prescrição, às vezes até os próprios enfermeiros prescreviam coisas que não eram necessárias... a prescrição não foi bem treinada, e não deu certo. Tudo tem que ter tempo, ser estudado, tanto por auxiliares como por enfermeiros... acho que tudo que se começa novo, para ter um resultado bom, tem que haver treinamento; no caso, não só treinar os auxiliares para executar, mas principalmente as enfermeiras, precisamos ser treinadas, ter investimento ...” (Rubi)

Nas entrevistas efetuadas foram apontadas outras recomendações, tais como:

- A escolha de uma chefia dentro da UTI;

“... estamos querendo uma chefia de enfermagem aqui dentro da UTI, porque aqui nós fizemos tudo ... quem sabe

diminuísse nosso trabalho um pouco, e teríamos mais tempo para elaborar o processo de enfermagem ...” (Esmeralda)

Percebe-se que seja válida a proposta da criação de uma chefia de enfermagem dentro da UTI, a considerar o relato do entrevistado anterior, podendo evitar a sobrecarga de atividades dos enfermeiros e facilitar a elaboração do processo de enfermagem, uma vez que, como estes apontam, o maior problema para sua efetivação consiste na falta de tempo.

- A execução do processo em impressos próprios;

“... poderia ser elaborado em impressos próprios, porque senão, fica muito misturado, ainda mais na UTI, que sempre se tem de acrescentar mais coisas na prescrição.” (Pérola)

“... o processo de enfermagem seria muito melhor em impresso próprio.” (Esmeralda)

“... para trabalhar com o processo de enfermagem eu acho que já se tem que ter um formulário, um roteiro estabelecido, porque senão podemos nos perder ...” (Ametista)

Quanto a esse assunto, Paula (1984) acredita que para a elaboração da prescrição e da evolução de enfermagem, a utilização dos impressos já existentes em uma instituição seria viável, isto é, folha única para prescrição médica e de enfermagem, bem como folha única para a evolução médica e de enfermagem. Com isto seria reduzido ao mínimo o número de impressos novos para a implantação de uma sistemática que por si só envolve problemas de ordem administrativa e funcionamento complexos.

Acredita-se que os impressos para o desenvolvimento do processo de enfermagem deveriam ser padronizados, e elaborados em conjunto com os membros da equipe, que o adequariam conforme suas necessidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se identificar a opinião dos enfermeiros de uma unidade de tratamento intensivo quanto à

aplicabilidade do processo de enfermagem, bem como o conhecimento que demonstram acerca do assunto.

De maneira geral, os enfermeiros entrevistados têm conhecimento a respeito do processo de enfermagem, mas o definem superficialmente ou mesclam conceito com fases do processo. Embora todos tenham relatado que já tiveram oportunidade de aplicar o processo de enfermagem, a maioria o fez somente durante a fase acadêmica, não tendo mais oportunidade após ingressar em instituições de saúde. Concomitante a isto um dos entrevistados comenta que em seu ambiente de trabalho houve uma tentativa de implantação do processo, mas foi feito de maneira mal estruturada e não teve êxito.

Considera-se, a respeito desse fato, que para uma efetiva implantação do processo de enfermagem, é necessário primeiramente um comprometimento da chefia de enfermagem com a proposta, promovendo reuniões e elaborando um plano de ação contendo pontos-chave como: a sensibilização da equipe para a importância desta metodologia; o desenvolvimento de um estudo aprofundado do tema com o envolvimento de toda a equipe; e a construção coletiva dos meios para viabilizar a execução do processo. Lembrando que o plano de ação viria a garantir e assegurar que os objetivos fossem direcionados para viabilizar a implementação deste processo, e o primeiro passo deste seria a sensibilização dos enfermeiros.

Alguns dos entrevistados mostraram-se preocupados com uma possível não aceitação da metodologia de assistência pelos demais membros da equipe, mas creio que se fosse construída uma proposta coletiva, este problema tornar-se-ia menos evidente.

Percebe-se que os entrevistados consideram importante haver um preparo técnico-científico antes da implantação do processo de enfermagem. Isto, é fundamental, uma vez que esta proposta é inovadora na realidade desta instituição, e se faz evidente a necessidade de um estudo em conjunto do grupo para que estes observem a importância e compreendam o funcionamento da metodologia assistencial antes de colocá-la em prática.

Outros pontos relevantes constatados são as dificuldades encontradas pelos enfermeiros para a aplicação do processo de enfermagem. A falta de tempo e a sobrecarga de atividades são apontadas como os principais empecilhos pelos entrevistados, que insinuam haver necessidade ou de dois enfermeiros a cada turno, ou então uma chefia de enfermagem na unidade, que amenizaria

tal problema, pois além de assistência ao paciente desenvolvem questões burocráticas da unidade.

Acredita-se que, em parte, estas considerações são reais, pois em alguns plantões com um único enfermeiro seria inviável a execução de todas as etapas do processo. Entretanto, a aplicação deste em si, embora no início pareça dificultosa, com a prática diária se tornaria uma metodologia de assistência sistematizada. Isto reduziria, por conseguinte, o tempo gasto na sua realização, garantindo uma qualificação nos cuidados de enfermagem.

Ficou implícito que os entrevistados sugerem que para a implementação de processo de enfermagem na sua prática, há necessidade de outro enfermeiro para assumir as questões de administração geral (escala de funcionários, consertos, solicitações de materiais diversos, e outros).

Outro aspecto apontado é a necessidade para a utilização de impressos próprios pelos enfermeiros, que argumentam ser mais prático e viável a utilização de um formulário com roteiro preestabelecido (como o histórico de enfermagem), a fim de simplificar o tempo gasto na elaboração do processo de enfermagem.

Por fim, parece que um dos caminhos para se chegar a uma implementação eficaz do processo de enfermagem é a integração docente-assistencial, que viria a enriquecer o conhecimento em ambas as partes, principalmente nos aspectos referentes à necessidade de constante treinamento, estudo e atualização.

Espera-se, também, poder contribuir para que cada vez mais, acadêmicos de enfermagem tenham contato com a existência e utilização do processo de enfermagem, sendo estimulados espontaneamente a aprimorarem sua metodologia de planejamento do cuidado, e vindo, assim, a fazê-lo em sua atuação profissional.

ABSTRACT

This paper aimed to identify the nurses opinion about the nursing process in the Intensive Care Unit (ICU), and the knowledge they had about this such assistance methodology. The method of investigation used had an qualitative approach, of the descriptive and exploratory kind, applying semi structured interviews to five nurses of ICU at a General Hospital of the south area of Rio Grande do Sul. It was verified that: the nurses

interviewed had little knowledge about the subject, some referred using daily evolution and nursing prescription. Mostly, all recognize the importance of this assistance methodology, but consider essential that all the nursing staff should be trained and prepared to elaborate and execute it.

KEY WORDS: *nursing, nursing process, intensive care unit*

RESUMEN

Este trabajo tuvo objeto identificar la opinión de los enfermeros sobre el proceso de enfermería, en la Unidad del Tratamiento Intensivo (UTI), y el conocimiento de ellos acerca de esta metodología asistencial. El método investigativo tuvo un abordaje cualitativo descriptivo aplicándose una encuesta semiestructurada para cinco enfermeros de la UTI de un hospital general de la región sur del Brasil. Se averiguó que los enfermeros encuestados tienen poco conocimiento a respecto del tema, algunos refieren aplicar el histórico y la evolución de enfermería. Por fin, todos reconocen la importancia de esta metodología de asistencia pero consideran fundamental que haya preparo y entrenamiento de todo el equipo de enfermería para su elaboración y ejecución.

DESCRIPTORES: *enfermería, proceso de enfermería y unidad de del tratamiento intensivo*

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1 ATKINSON, L.D.; MURRAY, M. E. *Fundamentos de enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- 2 BENEDET, S.A.; BUB, B.C. *Manual de diagnóstico de enfermagem: uma abordagem baseada na teoria das necessidades humanas básicas e na classificação da NANDA*. Florianópolis: Bernúncia, 1998.
- 3 BRASIL, *Leis e Decretos*. Lei nº 7.490, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício de enfermagem e dá outras providências. Brasília, 1986.
- 4 CORRÊA, A.K. et al. Prescrição de enfermagem no centro de tratamento intensivo. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília: v.44, n.2/3, p.43-52, abr./set. 1991.

- 5 DOENGENS, M. E.; MOORHOUSE, M.F. *Diagnóstico e intervenção em enfermagem*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- 6 FELISBINO, J.E. *Processo de enfermagem na UTI: uma proposta metodológica*. São Paulo: EPU, 1994.
- 7 GEORGE, J.B. et al. *Teorias de enfermagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- 8 HORTA, V. A. *Processo de enfermagem*. 8 ed. São Paulo: EPU, 1979.
- 9 KURCGANT, P. *Administração em enfermagem*. São Paulo: EPU, 1991.
- 10 LEITE, M.P. *Processo de enfermagem: a visão do enfermeiro*. Pelotas: UFPEL, 1997.
- 11 LUDKE, H.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. 2.ed. São Paulo: EPU, 1986.
- 12 MINAYO, M.C. de S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 13 PAULA, N.S. de et al. Assistência de enfermagem sistematizada – experiência de aprendizado. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, n.1, jan./mar. 1984.
- 14 SÁNCHEZ, S. et al. Fatores que influenciam na implementação de um modelo de assistência de enfermagem – uma proposta alternativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, n.3 e 4, jul./dez. 1984.
- 15 SANTOS, J.F. et al. Implementação da Metodologia de Assistência de Enfermagem em UTI(s) – Como está e quais os fatores intervenientes. *Revista Baiana de Enfermagem*. Salvador, v.11, n.1, p.441-451, abr. 1998.
- 16 SAUPE, R. et al. Educadores-Educandos Propõe um programa de Educação Continuada centrado no Cuidado Humano para um Hospital. *Revista Texto e Contexto - Enfermagem*. Florianópolis, v.8, n.1, jan./abr.1999.
- 17 TAYLOR, C. M. *Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica*. 13.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- 18 THOFEHRN, M. B. et al. O processo de enfermagem no cotidiano dos acadêmicos de enfermagem e enfermeiros. *Revista Gaúcha de Enfermagem*: Porto Alegre, v.20, n.1, jan. 1999.
- 19 WALDOW, V.R. Processo de Enfermagem: teoria e prática. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. v.9, n.1, 1988.
- 20 WATANABÉ, M. I. A importância dos programas de educação continuada para os profissionais de enfermagem.(encarte). *Hosp-Suprimentos e Serviços Hospitalares*. Ano 4, n.43, out. 1998.

ANEXO 1

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Dados de Identificação:

Nome Codificado: _____ Data da entrevista: _____
Nome da Escola de Enfermagem a qual concluiu a graduação: _____
Tempo de formação profissional: _____
Tempo de atuação em uti como enfermeiro: _____

Questões norteadoras da entrevista:

1. Para você, o que é o processo de enfermagem? Explique.
2. Você já teve oportunidade de aplicar o processo de enfermagem?
3. Caso afirmativo, conte como foi esta experiência.
4. Caso negativo, que circunstâncias não propiciaram sua aplicabilidade?
5. Qual a sua opinião acerca da aplicabilidade do processo de enfermagem na unidade de tratamento intensivo?

Data de entrada: 08/06/2000

Início do período de reformulações: 10/07/2000

Aprovação final: 18/05/2001

Endereço da autora: Vânia Mari Matté
Author's address: Av. Dr. Casagrande, 278 aptº 1004
Bairro Cidade Alta
Bento Gonçalves - RS
CEP: 95700-000